

## **FAMÍLIAS NEGRAS E A ESCOLA NO TERRITÓRIO QUILOMBO URBANO LIBERDADE<sup>1</sup>**

CARLOS BENEDITO RODRIGUES DA SILVA

(UFMA)

KARINE CRISTINE COSTA

(UFMA)

PALAVRAS-CHAVE: Família. Escola. Raça

O artigo proposto se situa entre a antropologia/sociologia da educação que se ocupa das trajetórias escolares dos indivíduos e das estratégias utilizadas pelas famílias no decorrer desse percurso escolar e a antropologia das relações étnico-raciais. O tema das relações raciais no Brasil é um objeto da sociologia da educação. O debate em torno da problemática das relações entre educação e raça é emergente e inegável. Pois, têm mobilizado grandes agentes que entendem que a relação dentro do campo educacional é marcadamente por relações desiguais de poder, gerando assim desigualdades sociais.

O interesse por esta temática surge de reflexões e interlocuções construídas ao longo da minha trajetória acadêmica, que começa ser escrita desde a graduação no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, onde tive a oportunidade de me inserir no grupo de Iniciação à Docência -PIBID-UEMA, no Grupo de Estudo e Pesquisa Investigação Pedagógica de Estudo Afro-brasileiro-GIPEAB-UFMA e no Programa de Educação Tutorial- PET- Conexões Comunidades Populares -UFMA, onde tive a oportunidade de realizar pesquisa em Itapecuru-mirim, na Comunidade Quilombola Santa Rosa dos Pretos. Foi principalmente a partir dessa inserção nesses campos que me aproximei mais da temática das questões étnico-raciais.

No meu trabalho de monografia de conclusão de curso de Ciências Sociais – UEMA “Educação das relações étnico-raciais: vivência de uma escola pública estadual maranhense no território quilombola Liberdade”, analisamos como os(as) professores(as), coordenadoras e gestoras compreendem a necessidade de promover práticas pedagógicas que possam romper com estereótipos, preconceitos e

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.”

contribuir para o combate ao racismo no contexto escolar dessa comunidade. Com isso um conjunto de questões sobre a posição racial, social das famílias, dos estudantes, o destino escolar, a escolha do estabelecimento suas relações no interior da escola e com o bairro, reproduzem estratégias que focalizam a reprodução das desigualdades.

## **PERCORRENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA**

A educação não acontece apenas no contexto escolar, ou seja, além das escolas existem outros espaços de socialização, como a família e outras instâncias. Os estudos recentes realizado tem apontado, a centralidade da discriminação no sistema educacional como fator de reprodução das desigualdades raciais, o que faz com que ações nesse campo ocupem lugar primordial no enfrentamento ao racismo, tal como o debate que estamos propondo.

As questões que instigam o trabalho são justamente as que focam a relação sobre: qual o papel da escolarização na produção de identidades/identificações raciais? qual o peso da identificação racial para as estratégias de escolarização e de reprodução das famílias? quais são as práticas sociais das famílias que fazem parte de um bairro reconhecido como quilombo urbano? qual o perfil racial/social das famílias que escolhem colocar seus filhos na escola do bairro?

Diante das questões trazidas no delinear da construção do objeto analítico desse projeto, o problema que se coloca central consiste em analisar quais as implicações sociais de fazer parte de um território quilombola e estudar na escola do bairro para as relações das famílias e seus filhos com a escolarização?

O artigo se insere na perspectiva de Pierre Bourdieu e sua teoria acerca da educação nas sociedades modernas, em que aparece uma considerável relação entre a escola, a família e a reprodução e legitimação das desigualdades sociais, sobretudo suas principais categorias analíticas de relação entre escola, família, capitais (econômico, cultural, social), *Habitus*, etc. Bourdieu cita o campo educacional como um espaço marcado pela dominação e pelos conflitos. Portanto, o objeto dessa investigação é construir o sistema de estratégias de reprodução, sobretudo as estratégias escolares, e sua relação com a reprodução da desigualdade racial e social.

O Centro de Ensino Estado do Pará está localizado no Bairro Liberdade, que está situado no centro histórico e comercial de São Luís, próximo ao bairro da

Camboa. Limita-se ao norte com o Rio Anil, ao sul com o bairro do Monte Castelo, a leste com o bairro da Camboa e a oeste com margem esquerda do referido rio (PINHEIRO, 2013). Sendo que a referida escola se encontra situada à Rua Machado de Assis, nº16, bairro da Liberdade, próxima ao Mercado da Liberdade. A escola surgiu da necessidade da construção de instituições públicas de ensino que atendessem à clientela estudantil da Liberdade e do seu entorno, haja vista a grande quantidade de crianças e jovens existentes na faixa etária escolar que estudavam distante de suas residências, por falta de escolas mais próximas da comunidade. Inicialmente a construção da mesma foi muito bem recebida pela comunidade. Mas logo, as condições de acomodação dos alunos tornaram-se cada vez mais precárias, uma vez que a procura por novas vagas só crescia e o espaço físico disponível já não atendia mais as demandas da comunidade. Sobre a origem dos alunos que frequentam a escola, 86% nasceram na cidade de São Luís, 12% nasceram em outros municípios do Maranhão e 2% em outros Estados da Federação.

Quanto à faixa etária: 90% dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental têm entre 11 e 15 anos, portanto dentro da faixa etária exigida para este nível de ensino. E 10% têm acima de 15 anos. No Ensino Médio Regular, 91% dos alunos têm entre 15 e 18 anos, ou seja, dentro da faixa etária. Porém, 9% têm acima de 18 anos, o que caracteriza distorção idade/série. Enquanto na EJA I e II Etapas do Ensino Médio, verificou-se que: 59% dos alunos têm entre 19 e 23 anos; 25% têm acima de 24 anos; 4% acima de 30 anos; 8% acima de 40 anos e 4% acima de 50 anos.

Pretende-se investigar a partir de: 1) observação empírica e etnografia; 2) entrevistas com as famílias (mães e pais ou responsáveis), os estudantes, entre outros. E o campo de investigação será o território quilombo urbano Liberdade, a fim de buscar analisar práticas sociais de escolarização das famílias que fazem parte de um bairro reconhecido recentemente como um quilombo urbano.

Ao pretender analisar a relação entre as duas instituições sociais família e escola, uma vez que ainda não dispomos, no Maranhão, de uma reflexão aprofundada sobre o tema no plano das relações étnico-raciais, sobretudo propondo-se avançar na compreensão das relações raciais e sociais que a partir da escola, reforçam ou legitimam desigualdades raciais sobre os destinos escolares. A manutenção e o reforço de prioridades e vantagens no processo educacional colocam o ambiente escolar como um espaço de privilégios aos portadores de

características físicas, sociais, econômicas e culturais eurocêntricas, o que os legitima como modelo ideal. Essa concepção coloca em situação desprivilegiada a grande maioria da população brasileira que está dentro do campo educacional. Sobre esse cenário educacional brasileiro, explica Munanga (2000, p.235):

No sistema do ensino público brasileiro, a maioria dos alunos sofre desvantagem em sua educação que pode persistir pelo resto de suas vidas. Sem dúvida, esse aluno cujas a educação e formação são prejudicadas é geralmente pobre economicamente. Se é verdade que as condições socioeconômicas desse aluno interferem negativamente no seu processo de aprendizagem, seu baixo rendimento escolar não se explica exclusivamente e absolutamente pela natureza de suas condições sociais. Seu fracasso se deve em parte ao fato de que o sistema de ensino ao qual ele é submetido foi construído com base na realidade da minoria abastecida, ou seja, da classe média brasileira.

Desta forma, entendemos a necessidade de estudos sobre grupos familiares e sua interação com a escola, mesmo a família estando de certa forma presente no discurso educacional.

Bourdieu (1996) cita, que na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, atitudes face ao capital e a instituição escolar. Os *Hábitus* cultivados pelas elites acabaram se envolvendo com a ideia de que estes seriam os melhores *Habitus*, e os estilos de vida dessa classe marcou profundamente os principais espaços de interação na sociedade. Ou seja, onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais.

No cenário brasileiro, diferente do cenário francês a pesquisa se insere numa agenda de pesquisa e num conjunto de pesquisadores (as) sobre educação e mais especificamente em pesquisas sobre as relações família e escola, por exemplos temos os livros “Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares” de Maria Alice Nogueira (2000), que reúne artigos de pesquisadores na área de educação, resultantes de seus trabalhos em encontros como da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) no GT Sociologia da Educação, cujo o interesse é investigar e analisar os vínculos entre as duas instituições, objetivando encontrar referenciais teóricos e metodológicos para a reflexão acerca da temática e “Família e escola: novas perspectivas de análise”

de Maria Alice de Lima Gomes Nogueira, Geraldo Romanelli, Nadir Zago (2013), que também reúne artigos de pesquisadores de Minas Gerais, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, que tratam de questões teóricas e temas emergentes propondo novas abordagens da sociologia da educação nas análises das relações entre família e escola.

A pesquisa também busca atualizar as relações entre raça e educação, sobretudo aqueles pesquisados no livro “Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras” de Maria Lígia de Oliveira Barbosa, Maria Eugênia Ferrão, Sergei Soares e KaizôIwakami Beltrão (2005), produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) que trata sobre o tema das desigualdades raciais, estabelecendo relações como alguns grupos sociais estabelecem relações diferenciadas com escola e obtém retornos distintos.

O debate acadêmico sobre essa temática, concentram sobretudo no eixo Rio – São Paulo – Minas Gerais. Portanto o estudo objetiva demonstrar a centralidade da discriminação dentro do processo educacional na reprodução social dessas desigualdades, trazendo uma pesquisa com elementos específicos da realidade Ludovicense/Maranhense para contribuir e ampliar a capacidade do Estado de implementar políticas que visem a equidade na tentativa de enfrentar as desigualdades raciais e sociais, haja vista a importância dessa temática em um estado com a terceira maior população de negros/os do Brasil.

Os intelectuais negros pensam que a escola também tem responsabilidade na perpetuação das desigualdades raciais. Tradicionalmente o sistema de ensino brasileiro ensinou, e ainda ensina, uma educação pautada no embranquecimento cultural em sentido amplo. A educação formal brasileira foi pensada em moldes eurocêntricos, onde desqualifica o continente africano e inferioriza racialmente os negros/as, quer sejam brasileiros, quer sejam africanos.

Segundo o intelectual e militante negro, Abdias do Nascimento,

O sistema educacional [brasileiro] é usado como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro—elementar, secundário, universitário— o elenco das matérias ensinadas, como se se executasse o que havia predito a frase de Sílvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o

desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características, do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra. Tampouco na universidade brasileira o mundo negro-africano tem acesso. O modelo europeu ou norte-americano se repete, e as populações afro-brasileiras são tangidas para longe do chão universitário como gado leproso. Falar em identidade negra numa universidade do país é o mesmo que provocar todas as iras do inferno, e constitui um difícil desafio aos raros universitários afro-brasileiros (NASCIMENTO, 1978, p. 95).

E nesse contexto político, social e cultural que os/as negros/as brasileiros buscam construir sua identidade e, entre ela, a identidade negra. Como toda identidade, a identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa. No caso brasileiro, essa tarefa torna-se ainda mais complexa, uma vez que se realiza na articulação entre classe, gênero e raça no contexto da ambiguidade do racismo brasileiro e da crescente desigualdade social no sistema educacional.

Segundo Gomes, (2003):

A escola pode ser considerada, então como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola tanto pode valorizar identidades e diferenças, quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. (GOMES, 2003, p.171)

É nesse contexto que os negros e negras brasileiros constroem sua identidade e, entre ela, a identidade negra. A identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa.

Em “Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras” – *Capítulo II -As relações entre educação e raça no Brasil: um objeto em construção*, Maria Ligia de Oliveira Barbosa, nos relata que as diferenças e desigualdades sociais têm importantes efeitos sobre a escolarização e trajetórias escolares, significando que o sucesso na vida escolar e não apenas o acesso à escola precisa ser levado em consideração.

A especificidade do pertencimento étnico tem demonstrado que raça tem efeitos específicos sobre os retornos sociais no Brasil, especificamente retornos

educacionais. Isso quer dizer que os estudantes negros obtêm piores resultados não apenas por serem pobres, mas também, e independentemente por serem negros.

A autora continua demonstrando, "que os negros e pardos apresentam evidentes desvantagens em relação aos não negros, tanto nos resultados educacionais obtidos (medidas em anos de escolaridade) quanto no acesso e nas trajetórias escolares (diferenças na velocidade de promoção, nas taxas de repetência, de atraso e ingresso tardio)".

A centralidade na educação e nos processos das desigualdades em nossa sociedade, nos faz perceber, a precariedade das trajetórias escolares de negros e pardos comparados com não negros: "os não negros têm mais anos de escolaridade em qualquer faixa etária, apresentam menor incidência de analfabetismo e maiores taxas de finalização dos cursos superiores".

Barbosa (2005) salienta em "*A qualidade da escola e as desigualdades raciais no Brasil*", que o desempenho escolar está diretamente associado aos capitais sociais, econômico e cultural que cada família pode oferecer para seus filhos. Ou seja, a escola só conseguiria fazer com que seus estudantes tivessem o bom desempenho, se o nível de rendimento econômico da família ou o grau de educação dos pais fosse considerado de qualidade.

Os Estudos de Barbosa (2005), constataram empiricamente a influência do *Habitus* e dos *capitais* no desempenho dos alunos, confirmando a estreita relação entre os *capitais* apreendidos na socialização familiar e o bom desempenho dos estudantes. Com isso, a pesquisadora aponta para outra variável importante na trajetória dos estudantes, que é qualidade da escola. Esta pode corrigir o efeito do *Habitus* gerado pela estruturação sócio familiar, principalmente em relação às famílias da baixa hierarquia social (em relação aos capitais econômico, cultural e social). Mostra o papel das escolas na correção dessas desigualdades formadas pela posição social dos alunos, mas para isso, segundo a autora, a escola tem que cumprir suas tarefas propriamente escolares, ou seja, ensinar as crianças a ler, escrever, lidar com conceitos matemáticos, que terão efeitos e retornos mais significativos para os negros e pobres.

Segundo Barbosa (2005), a qualidade da escola é também um fator decisivo para o processo de democratização e tentativa de correção das desigualdades, uma vez que o desempenho dos estudantes tende a melhorar quando frequentam escolas de qualidade e possuem bons professores e comprometidos com a equidade. Porém,

para que de fato ocorra na prática, é necessário um forte efeito das políticas educacionais no contexto da prática educacional. Continua Barbosa, algumas ações se mostram decisivas, tais como a qualificação dos professores, a gestão democrática, a qualidade da merenda e o acolhimento com os estudantes negros dentre outras.

Nesse sentido, a articulação entre a perspectiva sociológica e o campo educacional nos possibilitará analisar a relação escola, família enquanto espaços/tempo marcados pelas representações, pelas identidades e pelo universo simbólico.

A presente investigação caracteriza-se enquanto modelo de pesquisa baseado nos métodos quantitativo e qualitativo, adotando como diretrizes metodológicas a intersecção entre problema de pesquisa, objeto e objetivos, através da utilização de instrumentos tecnológicos, como celular smartphone e notebook, utilizados como mecanismo de pesquisa virtual, o que possibilita que o desenvolvimento da pesquisa bem como o produto final do trabalho não sofra interrupções. Dessa forma, pretende-se analisar as estratégias de escolarização, socialização, reprodução social e perspectivas das famílias dos estudantes que fazem parte de um território quilombola e escolhem estudar na escola do bairro.

Serão ainda realizadas entrevistas semi-estruturada com agentes sociais da comunidade, como os estudantes e famílias. Haverá o emprego de métodos que fomentem a construção, caracterização e análise do objeto de pesquisa, sendo estes os elementos norteadores das possíveis respostas alcançadas. Ressalta-se ainda que a observação do processo de construção da identidade étnica, irá permitir que essa discussão torne retórica, a relação entre agentes e família. O recurso ao olhar antropológico, a incorporação do estranhamento nas análises, pode trazer uma forma de se pesquisar e analisar as famílias de pobres e negros, procurando conhecer como organizam as relações entre seus integrantes e o processo de escolarização dos filhos.

O uso de uma etnografia do espaço social e simbólico de onde as famílias estão inseridas é uma das partes essenciais para se chegar à análise do espaço urbano e dos agentes inseridos no território. Para tal, a observação do campo também contribui com a investigação sobre o lugar para conhecer assim, sem dúvida, seus efeitos sobre desempenho escolar, mas os processos domésticos e cotidianos pelos quais projetos e estratégias familiares são elaboradas e postas em prática.

Segundo Bourdieu (1996), “todas as sociedades se apresentam como espaços sociais, isto é, estruturas de diferenças que não podemos compreender verdadeiramente a não ser construindo o princípio gerador que funda essas diferenças na objetividade”. Esta pesquisa pretende construir um esquema para pensar as instituições, escola e família assim representando os espaços sociais e simbólico do território quilombo urbano Liberdade, bem como os agentes sociais de quem dele fazem parte.

Nesse mesmo caminho se possível será realizada uma etnografia dos espaços de escolarização, a fim de entender seus rituais, lugares de memórias, atividades na escola, notícias, reuniões, fotografias antigas, interações, tensões etc., pois esta ajuda a analisar o campo a partir da observação, como sugere Weber e Beaud (2014) diante dos agentes sociais envolvidos. E os recursos de investigação que farão parte serão: uso de diários de campo, registro de áudio, pesquisas na internet, entrevistas, e principalmente, de uma etnografia das trajetórias das famílias para junto com eles construir um eixo argumentativo das relações das instâncias na contramão de um desencantamento da ideia de que a teoria explica tudo, e na difícil tarefa de trazer a potência da fala dos nossos agentes sem silenciá-la na escrita.

A relação que tenho com a comunidade Liberdade exige um olhar sobre a proximidade, o relacionamento afetivo e as possibilidades de discussão e estranhamento. Sou nascida e criada no território, o que me permite uma apropriação importante na análise da relação família e escola. Penso o distanciamento como uma possibilidade de olhar não no “calor” do acontecimento. De olhar a partir da mediação de uma série de instrumentos e leituras que permitirão problematizar noções, ou reforçá-las.

A família desempenha um papel fundamental na escolarização, haja vista o compromisso de transmitir aos seus filhos valores implícitos e incorporados que orientam suas ações frente à escola. Conforme Bourdieu (1998, p. 42-43), “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital”.

## **CONCLUSÕES (OU CONSIDERAÇÕES FINAIS)**

O presente artigo mostrou o interesse pela questão objetivando ajudar a compreender a contribuição do ensino na reprodução da desigualdade num contexto social como predominantemente de afro-brasileiro como o nosso território maranhense. Pautar o problema do valor que a educação escolar tem para diferentes

grupos sociais e dos caminhos que a escola encontra para atrair e conservar as crianças, adolescentes e jovens oriundos de grupos mais distintos da instituição, compreendendo também a participação dos pais no processo de socialização dos processos de formação das identidades coletivas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; BELTRÃO, KaizôIwakami; FERRÃO, Maria Eugénia; SOARES, Sergei. (Org). **Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras**. Rio de Janeiro: Ipea. 2005. 202p.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação/ Pierre Bourdieu: Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, SP: Papyrus, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Educação, **Identidade negra e formação de professores/as; um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Disponível em Revista educação e pesquisa, São Paulo, v, 29. Nº 1 :jan./jan.2003.

MUNANGA, Kabengele. **“Superando o racismo na escola.”** (org) – [Brasília]: Ministério da Educação SECAD, Brasil 2005. 2º ed revisada.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro. Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 5.ed Editora vozes, 2000.183 p.

NOGUEIRA, Maria Alice de Lima Gomes; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (Org). **Família e escola: Novas perspectivas de análise**. Editora vozes, 2013. 338 p.